

Uma proposta metodológica interseccional entre *story*, *plot* e a estrutura da Análise de Redes Sociais (ARS)

Una propuesta metodológica interseccional entre *story*, *plot* y la estructura del Análisis de Redes Sociales (ARS)

An intersectional methodological proposal between *story*, *plot*, and the structure of Social Network Analysis (SNA)



Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira¹

Resumo: O presente estudo investiga as estruturas narrativas literária e audiovisual, propondo um método analítico inovador ao adaptar princípios da Análise de Redes Sociais (ARS) para a Análise Narrativa (AN). O trabalho problematiza e compara as bases teóricas de Field (1992), Genette (2012), Wasserman e Faust (1994) e Recuero (2018), focando na distinção entre história (*story*) — a sequência cronológica — e trama (*plot*)

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - Pelotas- Rio Grande do Sul – Brasil.

— a teia de causalidade. A metodologia proposta trata a narrativa como uma rede, na qual personagens e conceitos são nós e suas interações constituem as arestas, permitindo visualizar o *plot* como um grafo complexo. A abordagem é ilustrada pela análise comparativa entre *Brasil, um país do futuro* (Zweig) e o documentário *Paraíso Utópico* (EBC). O objetivo é promover a compreensão da arquitetura narrativa, revelando as engrenagens relacionais que sustentam a produção de sentido e a experiência cognitiva. Questiona-se de que forma a articulação entre ARS e Narratologia pode fundamentar uma ferramenta metodológica para a compreensão da estrutura narrativa.

Palavras-chave: Análise de redes sociais aplicada. Metodologia narrativa. Arquitetura da trama. Interseccionalidade narrativa. Modelagem de dados literários.

Resumen: Este estudio investiga las estructuras narrativas literarias y audiovisuales, proponiendo un método analítico innovador al adaptar los principios del Análisis de Redes Sociales (ARS) al Análisis Narrativo (AN). El trabajo compara las bases teóricas de Field (1992), Genette (2012), Wasserman y Faust (1994) y Recuero (2018), centrándose en la distinción entre historia (*story*) —la secuencia cronológica— y trama (*plot*) —la red de causalidad—. La metodología propuesta trata la narrativa como una red, donde los personajes y conceptos son nodos y sus interacciones constituyen aristas, permitiendo visualizar el *plot* como un grafo complejo. El enfoque se ilustra mediante un análisis comparativo entre *Brasil, un país del futuro* (Zweig) y el documental *Paraíso Utópico* (EBC). El objetivo es promover la comprensión de la arquitectura narrativa, revelando los engranajes relacionales que sustentan la producción de sentido y la experiencia cognitiva. Se cuestiona de qué manera la articulación entre el ARS y la Narratología puede fundamentar una herramienta metodológica para la comprensión de la estructura narrativa.

Palabras clave: Análisis de redes sociales aplicado. Metodología narrativa. Arquitectura de la trama. Interseccionalidad narrativa. Modelado de datos literarios.

Abstract: This study investigates literary and audiovisual narrative structures, proposing an innovative analytical method by adapting Social Network Analysis (SNA) principles to Narrative Analysis (NA). The work compares the theoretical foundations of Field (1992), Genette (2012), Wasserman and Faust (1994), and Recuero (2018), focusing on

the distinction between story — the chronological sequence — and plot — the web of causality. The proposed methodology treats narrative as a network, where characters and concepts are nodes and their interactions constitute edges, allowing the visualization of the plot as a complex graph. The approach is illustrated by a comparative analysis of *Brazil, a Land of the Future* (Zweig) and the documentary *Utopian Paradise* (EBC). The objective is to promote the understanding of narrative architecture, revealing the relational gears that sustain meaning production and cognitive experience. It questions how the articulation between SNA and Narratology can provide a methodological tool for understanding narrative structure.

Key-words: Applied Social Network Analysis. Narrative Methodology. Plot Architecture. Narrative Intersectionality. Literary Data Modeling.

Introdução

Este estudo busca investigar a relação entre a estrutura narrativa do documentário audiovisual e da obra literária. Além disso, procurou-se desenvolver um método de análise da narrativa literária ou cinematográfica, a partir do conceito metodológico de Análise de Redes Sociais (ARS), com a criação de uma ferramenta dinâmica, com o uso de inovação tecnológica. Ambas as formas de arte, embora distintas em sua linguagem e em seu modo de produção, partilham o objetivo primordial de envolver um público na construção de um universo ficcional.

Para tanto, utilizou-se de ferramentas e princípios narrativos que, em muitos casos, se complementam e se influenciam mutuamente. O presente estudo científico parte da seguinte pergunta-problema: de que forma a articulação entre os princípios da Análise de Redes Sociais (ARS) e a Narratologia pode fundamentar uma ferramenta metodológica para a compreensão da estrutura de *story* e *plot* em narrativas literárias e audiovisuais?

No campo cinematográfico, o roteirista Syd Field (2009) é um dos autores mais influentes. Segundo ele, a eficácia de uma história se manifesta já em suas primeiras páginas — ou nos primeiros dez minutos de um filme. Field (2009, p. 51) argumenta que a atenção do leitor precisa ser conquistada de imediato, e para isso, três elementos essenciais devem ser estabelecidos: 1) o personagem principal, 2) a premissa dramática (o que a história é sobre), e 3) a situação dramática (as circunstâncias em torno da ação). Essa abordagem estrutural, focada na clareza e na progressão, serve como um guia para a criação de narrativas visuais que precisam ser entendidas rapidamente pelo espectador.

Do lado da literatura, o crítico literário Enrique Imbert (1992) oferece uma perspectiva complementar. Para Imbert, a principal característica do texto literário é a sua "unidade de impressão". A leitura deve ser contínua, do início ao fim, e o desfecho deve coincidir com o clímax. O texto literário é, portanto, uma "apresentação breve e bem construída de um incidente central" na vida de personagens, o que o torna ideal para a exploração de um único evento, emoção ou situação.

A dicotomia narrativa: *Story* vs. *Plot*

Narrar é relatar eventos de interesses humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho. Implica, portanto, narratividade, uma sucessão de estados de transformação responsável pelo sentido. A palavra-chave é sucessão. Ela introduz a questão da sequenciação, ou desenvolvimento temporal. A narratividade coloca imediatamente a ideia de prosseguimento-interrupção. Segundo Paul Ricoeur (1994), há uma analogia entre contar uma história e o caráter necessariamente temporal da experiência humana. A experiência do tempo estrutura-se em ações sucessivas cujo desenvolvimento numa intriga coesa se traduz numa espécie de dialética entre sucessividade e síntese. Quem narra quer produzir certos efeitos de sentido por meio da narração (Ricoeur, 1994).

A análise da narrativa é uma técnica de pesquisa com raízes na Grécia antiga, tendo em A Poética de Aristóteles (335 a.C.) uma das primeiras reflexões sobre o tema. Seu desenvolvimento sistemático ganhou destaque em 1966, com a publicação de um número especial da revista *Communications*, que reuniu teóricos como Roland Barthes, Tzvetan Todorov e Umberto Eco. Todorov introduziu o termo "narratologia" ao estudar

a estrutura dos contos de Boccaccio. Originada do formalismo russo e do estruturalismo francês, a análise da narrativa busca identificar elementos específicos da literatura por meio de métodos empíricos e sistemáticos.

Atualmente, a narratologia é aplicada não só à teoria literária, mas também a áreas como antropologia, história, teoria cognitiva e comunicação (Motta, 2013). Diferente do estruturalismo, a narratologia é um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades. Para Gergen (1996), sonhamos narrando, imaginamos narrando, relembramos narrando, acreditamos e duvidamos, construímos, conversamos, porque queremos sempre alcançar uma meta, ainda que distante e mesmo inconsciente. “Nossas vidas são acontecimentos narrativos, as exposições narrativas estão incrustadas na ação social” (MOTTA, 2021, P. 79).

Conforme Motta (2021), a narratologia parte do pressuposto de que a organização dramática dos discursos em sequências encadeadas ocorre espontaneamente, e é intuitivamente reconhecida pelos seres humanos. As narrativas são fatos culturais e não apenas literários. Em suas expressões linguísticas, os humanos se expressam construindo blocos semanticamente coesos que dão tessitura às histórias. Essa espontaneidade e a intuição narrativa revelam que a narração é um fato universal e transcultural, comum a todas as culturas: é uma substância comum e inquestionável de todos os seres humanos (MOTTA, 2021, P.80).

Nessa trajetória de sistematização da análise narrativa, a contribuição de Carlos Reis é fundamental para compreender a obra como um processo narrativo dinâmico e não apenas como um artefato estático (REIS, 2001). Ao situar a narrativa como uma instância de interação que engloba a estrutura textual, o contexto e o leitor, Reis postula a necessidade de um rigor metodológico que permita decompor a densidade da obra sem perder a visão do todo. Entretanto, à medida que os objetos narrativos contemporâneos — especialmente os audiovisuais e transmidiáticos — atingem níveis de complexidade e intertextualidade superiores aos modelos tradicionais, a análise puramente textual encontra limites operacionais.

A teoria narrativa, tanto no cinema quanto na literatura, é frequentemente construída sobre a distinção entre o que acontece (a história) e como a história é contada

(o enredo). O teórico do cinema Alan Rosenthal (1996, p. 70) diferencia a progressão cronológica (*story*), que se concentra no desenvolvimento do personagem, da progressão por conflito (*plot*), que visa principalmente a resolução de um problema central. Rosenthal observa que essa dicotomia não é rígida, pois uma progressão por conflito pode, e muitas vezes deve, ocorrer de forma cronológica, mas o foco principal do *plot* é a teia de causas e efeitos que impulsionam a ação.

O desenvolvimento da narrativa deve sustentar o interesse do espectador. Elementos de luta, tensão e desejo são o cerne de qualquer drama. No entanto, a diferenciação mais seminal sobre *story* e *plot* é atribuída a E. M. Forster. Para ele, a *story* é a simples sequência de eventos em ordem temporal: “O rei morreu e depois a rainha morreu.” Trata-se de um “organismo literário inferior” que apenas desperta a curiosidade. O *plot*, por outro lado, é a “teia de inter-relações” que conecta os eventos por relações de causa e efeito, respondendo à pergunta “por quê?”: “O rei morreu e depois a rainha morreu de tristeza.” Essa distinção é crucial para entender como a narrativa se move de uma mera crônica para uma construção intelectualmente e emocionalmente envolvente.

Com base nos estudos das categorias analíticas fundamentais de Gérard Genette, especialmente em sua obra "Discurso da Narrativa", de 1972, que oferece a sistematização dos elementos da narrativa, procurou-se compreender a abordagem metódica e descritiva, concentrada nos modos como a história é contada (a "narrativa" ou "discurso") e não apenas na história em si. Genette distingue em três os níveis essenciais da narrativa: 1) História: O conteúdo narrativo, a sucessão de eventos (o "o quê" é contado), 2) Narrativa/Discurso (*Récit*): O enunciado narrativo, o modo como a história é apresentada, a forma como é contada (o "como" é contado) e o 3) A Narração (Narration): O ato de narrar em si, a situação em que ocorre a produção da narrativa (o "quem" conta e a situação do contar). Dentro do nível da Narrativa/Discurso, Genette elabora categorias analíticas fundamentais, conforme pode-se visualizar na tabela abaixo:

Tabela 1- Categorias analíticas fundamentais de Gérard Genette:

Categoria	Descrição	Exemplo
-----------	-----------	---------

Ordem	Relação entre sequência dos eventos na história e apresentação no discurso	analepses/flashbacks, prolepses/flashforwards
Duração	Relação entre tempo da história e tempo do discurso	pausa, cena, sumário, elipse
Frequência	Quantas vezes um evento da história é narrado no discurso	singular, repetitivo, iterativo
Modo	Distância e perspectiva da narrativa, "quem vê?"	voz do narrador, focalização
Voz	Instância do narrador, "quem fala?"	tempo da narração, nível narrativo, pessoa da narração

Fonte: Autoria própria com base nos conceitos de Genette (2012).

De maneira aprofundada, Genette (2012) propõe um aparato conceitual minucioso que capacita o analista a examinar com rigor a arquitetura multifacetada das narrativas. Ao detalhar e distinguir os componentes que envolvem o “como” a história é apresentada — como frequência, modo e voz —, Genette (2012) permite que se vá além da mera identificação dos eventos narrados, direcionando o olhar para as estratégias e técnicas que moldam a percepção do leitor.

Essa abordagem não apenas institucionaliza uma terminologia específica para o estudo da narratologia, mas também evidencia o impacto das escolhas narrativas na construção do significado, na produção de efeitos e na experiência estética do leitor. Por meio dessa separação criteriosa dos elementos narrativos, é possível compreender como cada decisão — seja a repetição de eventos, a perspectiva adotada ou a instância de narração — interfere na forma como a história é recebida, interpretada e ressignificada. Dessa forma, a narratologia se consolida como uma ferramenta indispensável para a

análise crítica de qualquer texto ficcional ou factual, pois revela as engrenagens internas que sustentam a produção de sentido e promovem a imersão do leitor no universo narrado.

A relação entre a Análise de Redes Sociais (ARS) adaptada à Análise das Narrativas (AN)²

No Brasil, segundo Marteletto (2010), as pesquisas sobre redes sociais na área de Ciência da Informação, surgiram a partir da década de 90, relacionadas com os processos de globalização e mundialização da cultura no âmbito do aumento da comunicação e dos fluxos da informação mediados pelas tecnologias emergentes. Nesse contexto de profundas transformações comunicacionais, os estudos que utilizam a Análise de Redes Sociais (ARS) têm como foco principal as relações sociais, e não os atributos³ dos indivíduos ou grupos sociais investigados.

De forma complementar, Raquel Recuero (2017) afirma que a *ARS* é utilizada para estudar diversos eventos relacionados a estrutura das redes sociais. De viés predominantemente quantitativo essa abordagem pode ser empregada para analisar comportamentos de um grupo de atores sobre um determinado fenômeno, bem como a influência desses atores nos processos comunicacionais sobre tais fenômenos. A autora compreende ainda a ARS na percepção de grupo social como uma rede, na qual os atores estão inseridos em estruturas sociais mantendo assim relações (interações e associações) com outros indivíduos na rede.

Para descrever a estrutura e funcionamento das redes sociais é importante compreender alguns aspectos da linguagem dos grafos⁴, no qual uma matriz corresponde a uma tabela de linhas e colunas sociais onde são feitas as interseções entre os nós. Essa matriz caracteriza-se como quadrada se o número de linhas for igual ao número de colunas, e se caso os nós que são recíprocos na matriz possuam o mesmo termo diz-se que a matriz é simétrica. Além dessa propriedade, a matriz também pode ser binária

² O termo foi criado pela autoria deste artigo de forma a realizar a conexão entre o método ARS e AN

³ Na perspectiva de Wasserman e Faust (1994) os atributos de um ator são suas características individuais, e o conjunto desses atributos é denominado composição da rede social.

⁴ Um grafo é a representação de uma matriz, onde os elementos (nós ou nodos) são apresentados como vértices e suas conexões (ou arcos) como arestas. A matriz corresponde ao conjunto de inter-relações entre os diversos elementos que são representados pelo grafo.” Recuero, Bastos e Zago (2018, p. 45).

quando indica apenas a presença ou a ausência de laços entre as díades da rede e valorada quando apresenta a quantidade de relacionamentos.

Ainda, no que diz respeito a estrutura dessas redes, autores como Higgins e Ribeiro (2018) classificam os grafos em direcionados e não direcionados. O primeiro acontece quando os arcos terminam em flechas, dando a entender qual a direção da conexão. O segundo tipo de grafo caracteriza-se quando não há relações orientadas. Nesse caso, observa-se apenas linhas ou curvas conectando os dois nós.

Assim como a *ARS* estuda as conexões entre indivíduos, pode-se usar a mesma lógica para analisar as histórias que consumimos. Imaginemos uma narrativa — seja um livro, um filme ou uma série — como uma rede social. Em vez de pessoas, os nós (ou nodos) da nossa rede são os personagens. As relações sociais entre eles, que no texto original são o foco da *ARS*, se traduzem nas interações entre esses personagens: quem se comunica com quem, quem tem um conflito com quem, quem forma uma aliança, quem tem um relacionamento familiar ou amoroso, e assim por diante.

Ao invés de se focar nos atributos individuais dos personagens como por exemplo: a cor do cabelo, a profissão ou a personalidade, que seriam como a "composição" da rede, a análise narrativa por redes se concentra na estrutura das relações. O que é mais importante não é o que cada personagem é, mas como ele se conecta com os outros e como essas conexões influenciam o desenrolar da trama.

Assim, pode-se criar uma matriz que representa as interações entre os personagens. Cada linha e coluna corresponde a um personagem. A interseção mostra a relação entre eles. Uma matriz pode ser binária (há ou não uma relação, como uma conversa ou um confronto) ou valorada (quantos diálogos eles tiveram, a intensidade do conflito ou a importância daquela relação para a história).

A natureza das relações também pode ser classificada em grafos não direcionados, que são apropriados para relações recíprocas: uma amizade, um casamento ou uma aliança mútua. A linha que liga os dois *nós* não tem uma seta, pois a relação flui nos dois sentidos. Eles são úteis para interações que não são recíprocas. Por exemplo, um personagem *A* manipula o personagem *B*, mas *B* não tem o mesmo poder sobre *A*. Neste caso, o arco entre eles tem uma flecha indicando a direção da influência.

A aplicação dessa análise permite enxergar a dinâmica da história seja literária ou audiovisual de forma diferenciada. Ao invés de apenas acompanhar o protagonista, pode-se identificar quais “nós” (personagens) são os mais centrais na rede narrativa, ou seja, aqueles que têm o maior número de conexões ou as conexões mais importantes. São eles que, como os "atores influentes" das redes sociais, podem alterar o rumo da narrativa. A queda de um “nó central” ou o surgimento de um novo laço (relação) pode ser o evento catalisador de toda a trama.

Segundo autores como Wasserman e Faust (1994) para operacionalizar a Análise de Redes Sociais (ARS) em narrativas, a estrutura da obra pode ser representada como um grafo, no qual personagens funcionam como vértices e as interações entre eles constituem as arestas. As conexões podem ser binárias ou valoradas, dependendo do tipo e intensidade dos relacionamentos. Essas relações podem ser binárias ou valoradas, e serem representadas por grafos direcionados ou não, conforme a reciprocidade. Os softwares como o UCINET (Borgatti, Everett e Freeman, 2002) calculam as métricas de centralidade dos personagens, destacando a sua relevância na trama. Além disso, o UCINET também facilita a visualização e modelagem dessas redes, apoiando pesquisas sobre estruturas sociais e narrativas.

Estudo de caso: A obra literária *Brasil, um país do futuro*, de Stefan Zweig, e o documentário *Paraíso utópico*

Para aplicação da análise da Análise Narrativa adaptada da Análise das Redes Sociais (ARS), escolheu-se uma análise comparativa entre duas obras biográficas que, embora distintas em sua natureza e contexto de produção, convergem na exploração do Brasil e de sua projeção de futuro: a obra literária *Brasil, um país do futuro*, de Stefan Zweig, e o documentário *Paraíso utópico*, da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). Longe de se configurar como uma adaptação direta, o filme da EBC estabelece um diálogo crítico com a visão otimista de Zweig, ao utilizar a emblemática expressão "país do futuro" como um ponto de partida para desvelar as complexas e multifacetadas camadas da realidade brasileira.

A obra de Stefan Zweig, escrita em um momento de esperança e fascínio pelo potencial do Brasil, apresenta uma visão permeada pelo otimismo e pela idealização. O

autor austríaco, em sua busca por um refúgio e uma nova perspectiva em meio aos horrores da Segunda Guerra Mundial, encontrou no Brasil um horizonte de possibilidades e um ideal de nação em ascensão. A narrativa, embora poética e carregada de admiração, por vezes tangenciava a ingenuidade ao minimizar as profundas questões estruturais que já se faziam presentes na sociedade brasileira da época. A "promessa" contida no título e no corpo de sua obra refletia mais um desejo e uma projeção do que uma análise crítica aprofundada das complexidades inerentes ao desenvolvimento de uma nação tão vasta e diversa.

Em contraponto, o documentário da EBC, produzido em um contexto histórico distinto e com os recursos da linguagem audiovisual, assume uma postura de análise e reflexão crítica. Ao utilizar o mesmo título da obra de Zweig, o filme não apenas homenageia o autor, mas também propõe uma instigante interrogação sobre a concretização dessa promessa. A produção audiovisual imerge nas problemáticas sociais, econômicas e políticas que há décadas desafiam o Brasil, como a persistente desigualdade social, a precariedade da infraestrutura, os desafios ambientais e a complexa relação entre o desenvolvimento e a sustentabilidade. A EBC, por meio de depoimentos, imagens e uma cuidadosa montagem, expõe as lacunas entre a narrativa do progresso e as vivências cotidianas da população brasileira, que confrontam o idealizado com o real.

O "país do futuro" de Zweig, embora idealista, permanece como um horizonte aspiracional, um lembrete do vasto potencial e da riqueza cultural e natural do Brasil. Por outro lado, a abordagem da EBC serve como um alerta necessário, um convite à ação e à reflexão sobre os obstáculos que impedem a plena realização desse potencial. O documentário não deslegitima a esperança, mas a contextualiza, exigindo que a busca por um futuro melhor seja pautada na consciência dos problemas e na capacidade de enfrentá-los de forma estrutural.

A comparação entre essas duas obras – uma literária, outra audiovisual – oferece uma oportunidade rica para reavaliar a trajetória do Brasil. Elas mostram que um futuro próspero não se baseia apenas em grandes visões ou otimismo excessivo. Pelo contrário, exige um olhar atento e crítico para o presente, a coragem de reconhecer contradições e a disposição de enfrentar desafios de forma contínua e estratégica. O “país do futuro” não

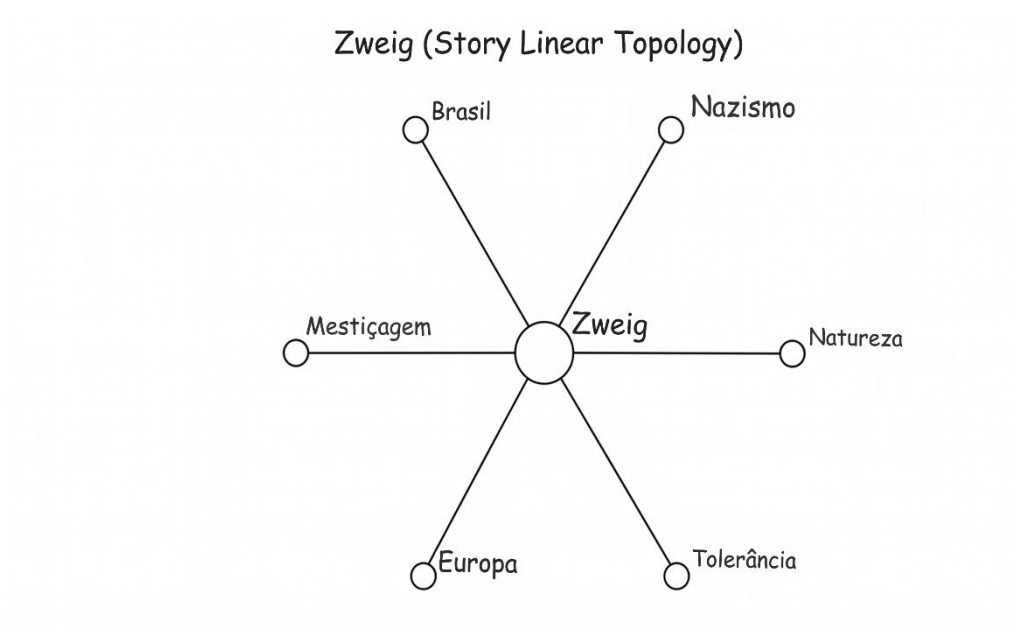
é um destino certo, mas uma construção incessante, moldada pelas tensões entre as aspirações de um povo e a complexidade de sua realidade. É nesse diálogo entre promessa e realidade que reside a verdadeira riqueza e a constante necessidade de reflexão sobre o Brasil.

Análise aplicada da estrutura da narrativa: literária e filmica

A operacionalização da Análise de Redes Sociais (ARS) neste estudo estruturou-se em um fluxo de trabalho dividido em duas etapas. Inicialmente, as matrizes de adjacência — valoradas e não-direcionadas — foram organizadas no software Microsoft Excel, viabilizando a codificação sistemática das co-ocorrências e interações narrativas. Posteriormente, utilizou-se o software UCINET 6, em conjunto com a ferramenta NetDraw, para o processamento das métricas de centralidade e a geração das visualizações gráficas. A aplicação de algoritmos de *layout*, como o *Spring Embedding*, permitiu tornar visíveis as distinções topológicas fundamentais entre a *story* literária e o *plot* documental.

Conforme a fundamentação de Wasserman e Faust (1994) e a adaptação metodológica aqui proposta, conceitos, personagens e eventos foram tratados como nós (vértices), enquanto as relações causais e conflitos foram estabelecidos como arestas (laços). A métrica de centralidade de grau (*degree centrality*) foi aplicada para identificar a dominância da voz narrativa, ao passo que a densidade da rede serviu como parâmetro para contrastar a linearidade cronológica da obra literária com a densidade causal do documentário.

A modelagem da obra *Brasil, um país do futuro* revela uma configuração ego-centrada (*hub-and-spoke*). Nesta topologia, o nó "Zweig" detém a centralidade absoluta, atuando como o ponto de convergência de todo o fluxo informacional. Os demais elementos apresentam conexões diretas quase exclusivas com o centro, sem que haja uma densidade significativa de interações entre os nós periféricos. Essa estrutura visualiza, empiricamente, uma causalidade linear guiada pela subjetividade do autor, onde a ausência de interconexão entre os temas reafirma a natureza da *story* como um relato centrado na experiência individual.

Figura 1 – Modelagem Estrutural da Rede Narrativa em Zweig (story)

Fonte: Elaborado pelo autor com base no software UCINET/NetDraw (2026).

A Figura 01 modela a estrutura narrativa da obra *Brasil, um País do Futuro*, de Stefan Zweig, operando através de uma topologia de “Rede em Estrela” (ego-centrada). Nesta configuração, o nó “Zweig” detém a centralidade de grau (*degree centrality*) absoluta, conectando-se diretamente a todos os outros vértices — que representam os temas e conceitos da obra (Brasil, Europa, nazismo, natureza, mestiçagem) — sem que estes apresentem conexões entre si.

A topologia de “estrela” corrobora a classificação da obra como *story*, ou seja, uma sequência cronológica e simples onde a curiosidade do público é mantida pela sucessão, e não pela interdependência dos eventos. Esta estrutura reflete a visão otimista e idealizada de Zweig, que, ao centralizar o relato em si mesmo, isola as variáveis sociais (realidade) da sua promessa (utopia).

A disposição espacial visualiza a natureza da *story*, descrita como uma sequência cronológica e linear. Como os nós periféricos não se interconectam, a densidade da rede

é mínima, evidenciando que a coesão do relato literário não provém de uma teia causal de eventos (o *plot*), mas da mediação subjetiva do autor.

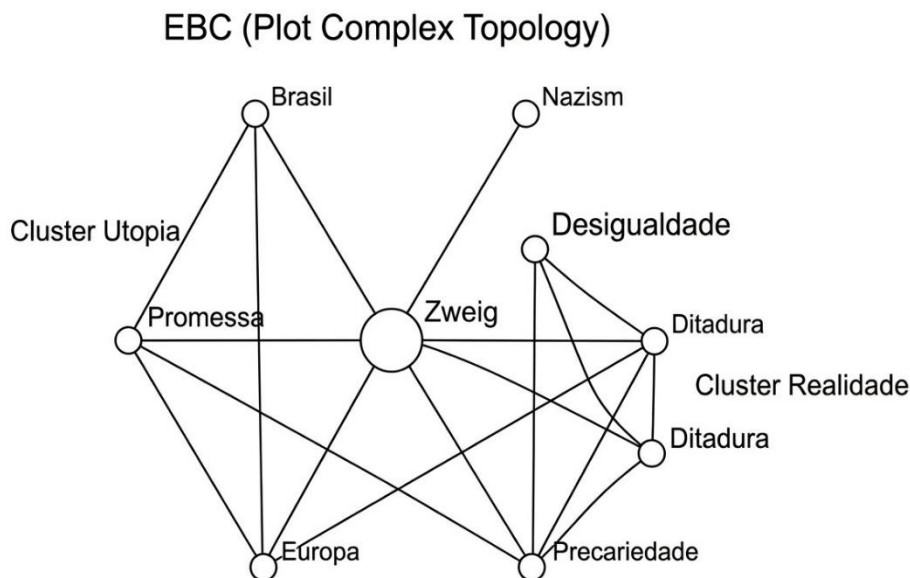
Conforme a perspectiva de Carlos Reis (2001), essa modelagem torna tangível o 'processo narrativo', revelando que a experiência de leitura em *Zweig* é guiada pela sucessão de eventos, onde o autor atua como o único ponto de convergência de sentido, isolando as variáveis da realidade social em favor da idealização utópica."

A modelagem da rede em *Paraíso Utópico* (EBC)

Diferente da linearidade de *Zweig*, o documentário da EBC gera uma rede de alta densidade relacional, caracterizada pela formação de subgrupos (cliques). Observa-se a fragmentação em núcleos temáticos. O nó "*Zweig*" perde a centralidade absoluta e passa a interagir com nós "antagônicos" (desigualdade, ditadura, realidade distópica). A rede apresenta maior densidade, pois os nós da "Realidade" possuem interconexões entre si.

A presença de *feedback loops* (causalidade circular) entre os depoimentos, as imagens de arquivo e a realidade social aumenta a complexidade do grafo. A seguir pode-se observar o gráfico que demonstra a rede narrativa do documentário realizado pela Empresa Brasileira de Comunicação (EBC):

Figura 02: Modelagem Estrutural da Rede Narrativa na EBC (Plot)



Fonte: Elaborado pelo autor com base no software UCINET/NetDraw (2026).

A imagem visualiza a estrutura densa e dialética do *plot* documental. Observa-se a formação de dois clusters distintos (utopia vs. realidade) que são confrontados por arestas de tensão ("pontes") que conectam os dois grupos, superando a linearidade cronológica. A formação de clusters distintos interconectados pelas arestas de tensão (pontilhadas) demonstra, empiricamente, a complexidade do *plot*, onde a promessa utópica é confrontada pela realidade social." A presença de arestas conectando os dois clusters prova a natureza "dialética" e "multifacetada" do documentário, validando a proposição metodológica de análise narrativa através da Análise de Redes Sociais (ARS).

A análise comparativa entre as Figuras 01 e 02 evidencia distinções topológicas estruturais que corroboram a diferença entre os modos de organização narrativa. O grafo referente à obra de Zweig, estruturado em uma topologia de "estrela" com baixa densidade, destaca a centralidade de grau (*degree centrality*) do autor, confirmando a linearidade da *story* como um relato ancorado na experiência individual. Em contraste, o grafo do documentário da EBC apresenta alta densidade e a formação de *clusters* (cliques) interconectados, o que comprova, empiricamente, a complexidade do *plot* documental.

Enquanto a estrutura de Zweig isola os elementos narrativos em uma lógica radial, a teia causal da EBC organiza os eventos em um sistema dialético e multifacetado; tal configuração demonstra que a transposição para o audiovisual não apenas modifica o suporte, mas reconfigura a própria arquitetura da produção de sentido, substituindo a sucessão cronológica por uma rede de tensões interdependentes

Considerações Finais

O presente estudo demonstrou a exequibilidade e a relevância metodológica de integrar a Análise de Redes Sociais (ARS) à Narratologia. A aplicação dessa perspectiva permitiu transpor a estrutura narrativa para o domínio da modelagem de dados, revelando que a rede não é apenas um mapa de conexões, mas a própria visualização das dinâmicas sociais e culturais que sustentam a produção de sentido.

A identificação de comunidades e cliques na rede evidenciou a existência de subtramas de alta densidade. Nesses núcleos, a narrativa atinge um nível de intensidade em que os laços fortes e a interação contínua atuam como a força motriz do drama, superando a mera sucessão cronológica da *story*. A análise de díades e tríades, por sua vez, comprovou ser a unidade narrativa fundamental — o átomo do *plot* — capaz de sustentar o desenvolvimento de tramas complexas ou selar o epílogo de relações específicas.

Ao tratar os atores da rede como personagens e as conexões como eventos narrativos, a ARS transcende sua função meramente descritiva para consolidar-se como uma ferramenta interpretativa e heurística. Essa abordagem permitiu decodificar os padrões de interação e revelar as “histórias invisíveis” de alianças e rupturas que, embora subjacentes ao texto ou à imagem, moldam a arquitetura da obra.

Em última análise, este trabalho contribui para o entendimento da estrutura narrativa como um processo relacional e dinâmico, conforme preconizado por Reis (2001). Conclui-se que a interseccionalidade entre a Ciência da Informação e a Narratologia oferece um campo fértil para que futuras pesquisas explorem as engrenagens ocultas de narrativas literárias e cinematográficas, indo além da superfície do relato para alcançar a sua inteligibilidade estrutural."

Referências

- BARTHES, R. **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- FIELD, S. **Manual do roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1992.
- GENETTE, G. **Figuras III**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- GERGEN, K. J. **La construcción social: emergencia y potencial**. Barcelona: Paidós, 1996.
- HIGGINS, S. S.; RIBEIRO, A. C. A. **Análise de redes em ciências sociais**. Brasília: Enap, 2018.
- IMBERT, G. **Lejos de casa: fronteras, identidades y metamorfosis**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1992.
- MARTELETTO, R. M. **Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação**. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, Brasília, DF, v. 3, n. 1, p. 27-46, 2010.
- MOTTA, L. G. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília, DF: Editora UnB, 2021.
- PARAÍSO Utópico**. Direção: Roberto Stefanelli. Produção: EBC (Empresa Brasil de Comunicação). Brasília: TV Brasil, 2016. Disponível em: tvbrasil.ebc.com.br. Acesso em: 15 abr. 2026.
- RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes sociais: teoria, metodologia e aplicação**. São Paulo: Sulina, 2018.
- REIS, C. **Tecnologias da narrativa**. Coimbra: Almedina, 2001.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994. v. 1.
- TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: Methods and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, um país do futuro**. Tradução de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro: Casa de Stefan Zweig; Zahar, 2006 [1941].

Submetido em: 08 de novembro de 2025.

Aprovado em: 13 de maio de 2026.